O QUE NÃO ENCONTRA LUGAR SE INSTALA NA PELE: UMA EXPERIÊNCIA DA DERMATITE ATÓPICA

Lívia Lemes Vianna, Lauro Take Tomo Veloso.

Universidade do Vale do Paraíba, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, livialemes71@gmail.com, lauro.taketomo@gmail.com.

Resumo
A Dermatite Atópica (DA) é uma doença crônica que, além das manifestações cutâneas, pode repercutir na experiência subjetiva e na relação do sujeito com o próprio corpo. Este artigo buscou compreender a repetição do ato de coçar em pessoas com DA, considerando sua relação com o sofrimento psíquico e a importância da escuta no tratamento. Foi realizada uma revisão de literatura, de caráter qualitativo, a partir de produções encontradas nas bases SciELO, PePSIC e Google Scholar. A partir da literatura analisada, discutiu-se o ato de coçar para além de uma resposta estritamente fisiológica, considerando sua dimensão repetitiva e sua possível relação com conteúdos que não encontram elaboração pela palavra. As formulações psicanalíticas permitiram refletir sobre o corpo como espaço de manifestação do sofrimento e sobre a escuta como possibilidade de acolher aquilo que ultrapassa a dimensão orgânica. Conclui-se que uma abordagem multiprofissional, articulando o cuidado dermatológico à atenção ao sofrimento psíquico, pode ampliar as possibilidades de cuidado e favorecer uma relação mais suportável do sujeito com sua doença e com o próprio corpo.
Palavras-chave: Dermatite Atópica; Psicanálise; Escuta.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Psicologia.

Introdução

A experiência de conviver com uma doença crônica envolve dimensões que ultrapassam aquilo que pode ser observado ou explicado apenas por seus aspectos orgânicos. Quando o sofrimento se manifesta no corpo, especialmente por meio de sensações persistentes e difíceis de controlar, coloca-se em questão não apenas o funcionamento fisiológico desse corpo, mas também a maneira como o sujeito vivencia, significa e se relaciona com aquilo que lhe atravessa. É a partir dessa perspectiva que o presente artigo busca compreender a experiência da repetição do ato de coçar em pessoas com Dermatite Atópica, considerando o sofrimento que acompanha esse gesto e a importância de uma escuta que não o reduza a um comportamento que poderia simplesmente ser interrompido a qualquer momento.

A dermatite atópica se define como uma doença inflamatória da pele, crônica e reincidente, caracterizada por lesões que produzem coceira intensa, com predominância na infância, embora possa ocorrer em qualquer período da vida (Amaral; March; Sant'Anna, 2012). Mais do que um evento somático limitado à superfície da pele, o impacto da dermatite atópica se estende para além das manifestações físicas, podendo repercutir na autoestima, na imagem corporal e nas diferentes dimensões da vida cotidiana. A presença constante das lesões pode fazer com que a experiência da doença ultrapasse o campo estritamente dermatológico, envolvendo também aspectos subjetivos.

É nesse contexto que o ato de coçar assume particular relevância. Embora inicialmente produza uma sensação de alívio diante da coceira, o gesto pode resultar no agravamento das lesões e consequentemente, em novas experiências de dor. Nota-se uma dinâmica ambígua, na qual aquilo que proporciona alívio em um primeiro momento pode também contribuir para a manutenção do sofrimento. A repetição do ato, mesmo diante de suas consequências, coloca em questão a compreensão do ato de coçar como um comportamento inteiramente orientado pela decisão consciente do sujeito, uma vez que o gesto parece adquirir uma dimensão que ultrapassa a busca deliberada por alívio.

Este artigo buscou entender também, a possibilidade de a escuta ocupar um lugar no tratamento, reconhecendo que para além da intervenção dermatológica e medicamentosa, existe um sujeito que

sofre e cuja experiência precisa ser considerada, abrindo espaço para pensar o sofrimento para além de sua manifestação corporal.

Metodologia

A pesquisa trata-se de uma revisão de literatura, de caráter qualitativo, realizada a partir do levantamento bibliográfico nas bases SciELO, PePSIC e Google Scholar. A busca contemplou produções científicas relacionadas à dermatite atópica, às lesões, ao ato de coçar, ao sofrimento psíquico e às contribuições da psicanálise para a compreensão desses fenômenos, considerando a pertinência dos materiais encontrados para o tema da pesquisa. Foram priorizados artigos científicos e obras teóricas de relevância acadêmica, incluindo referências atualizadas e produções fundamentais para a discussão proposta.

Resultados

A constituição da psicanálise está relacionada com a ruptura de uma compreensão do corpo restrita ao funcionamento orgânico. No início de sua trajetória clínica e teórica, Sigmund Freud depara-se com o limite do saber médico, focado estritamente na dissecação e estudo biológico dos tecidos nervosos, diante disso, ele estabelece a ruptura metodológica, uma cisão que opõe corpo biológico e o corpo psicanalítico (Freud, 1893/1987). Ao atender pacientes histéricas, Freud confronta-se com sintomas físicos que não tinham explicações biológicas, mas sim por desejos reprimidos e angústias inconscientes, ele se preocupou em compreender o funcionamento da psique humana, ou seja, a construir uma teoria capaz de dar conta da origem das manifestações das doenças (Lazzarini; Viana, 2006, p. 242), ditas incompreensíveis para a medicina da época. Assim, a psicanálise estabeleceu que o corpo é o palco da história do sujeito.

Em um primeiro momento, Freud (1905/1996) definiu o conceito de pulsão como uma representação psíquica de uma energia que impulsiona o sujeito à ação, constituindo uma espécie de exigência dirigida ao psiquismo, cuja origem estaria relacionada a um processo de excitação em um órgão. Nesse sentido, Freud estabelece uma distinção entre a fonte da pulsão e o estímulo, enquanto o estímulo tem origem externa ao organismo, a fonte pulsional encontra-se no próprio organismo. Diferentemente do estímulo, a pulsão não pode ser simplesmente eliminada, uma vez que se caracteriza por sua continuidade e pela necessidade constante de que o organismo encontre formas de lidar com essa exigência.

Posteriormente, Freud propôs a existência de uma nova dualidade na vida psíquica, a de que existem duas forças opostas: uma energia que impele à ação e outra que leva à inanição (Azevedo; Mello Neto, 2015). As pulsões que correspondiam às pulsões sexuais e de autopreservação, foram reunidas sob a denominação de Pulsões de Vida, estas estariam relacionadas às excitações que impulsionam o sujeito à busca de objetos e à manutenção da vida. Em contrapartida, ele notou também as Pulsões de Morte, as quais se referem à tendência à estagnação e à redução das excitações, como uma tendência conservadora de fazer o organismo retornar ao estado inorgânico e inanimado, manifestando-se pela compulsão à repetição (Freud, 1920/1996).

Com isso, Freud (1920/1996) notou que, por vezes, o psiquismo buscava o contrário, aumentar a carga de energia, produzindo experiências desprazerosas que se repetiam. Embora essa repetição pareça contrariar o princípio do prazer, ela poderia estar relacionada a um esforço psíquico de elaboração. Pensando nisso, é possível compreender a dermatite atópica em sua dimensão subjetiva, considerando a repetição do ato de coçar, ainda que este produza alívio momentâneo, frequentemente resulta em lesões e intensificação da irritação, instaurando um ciclo que tende a se repetir. Assim, o coçar pode ser compreendido não apenas como uma resposta ao sintoma físico, mas como uma repetição que ultrapassa a busca imediata pelo prazer e que demanda elaboração psíquica.

Dando continuidade às formulações freudianas acerca das relações entre corpo e psiquismo, Jacques Lacan retoma essa discussão a partir do papel central da linguagem na constituição do sujeito, aprofundando a diferenciação entre os sintomas conversivos e as manifestações psicossomáticas. Nesse contexto, situa os Fenômenos Psicossomáticos (FPS), os quais caracterizam-se como uma lesão no órgão, lesão histológica de manifestações de gradação variável, evolução imprevisível, podendo ocorrer surtos evolutivos marcados pelo aparecimento e desaparecimento da lesão, além de poder se mobilizar, conjugar, alternar e intercambiar (Miyazaki; Kaster; Maronezzi, 2018).

O FPS é uma marca não passível de ser decifrada, ponto de angústia sobre o qual o indivíduo não possui um saber e enquanto o sintoma se inscreve na dimensão da metáfora, dentro da cadeia de significantes que desliza de acordo com a significação e se endereça a alguém, o FPS inscreve-se fora de qualquer significação, sem nenhum endereçamento (Fonseca, 2007). Por não achar um destino, uma elaboração, a pele se torna um lugar onde a linguagem pode se inscrever e deixar marcas, que passam a incomodar, arder e coçar, trata-se de uma letra "não-a-ler", um escrito indecifrável que atua como um litoral, um mediador, entre o saber e o gozo (Dunker; Ramirez; Assadi, 2011). Na Dermatite Atópica, a pele sensível deixa à vista esse litoral entre a mente e o organismo, diante de um sofrimento psíquico que não foi simbolizado pela fala. A lesão cutânea é a marca dessa tentativa de simbolização desesperada na carne, fazendo com que o corpo passe a expressar aquilo que permanece sem elaboração psíquica.

Discussão

Tendo em vista os aspectos discutidos, pensar em formas mais abrangentes de tratamento da dermatite atópica implica considerar não apenas suas manifestações orgânicas, mas também o sofrimento subjetivo que a acompanha. Nesse contexto, destaca-se a importância da escuta como possibilidade de acolher e compreender o sofrimento que se manifesta no corpo. Freud (1914/1996), ao abordar a técnica psicanalítica e o trabalho de recuperação dos conteúdos reprimidos como parte do processo terapêutico, observou que nem tudo aquilo que foi recalcado pode ser diretamente recordado, alguns conteúdos, em vez de emergirem como lembranças, manifestam-se por meio da atuação, ou seja, repetidos nas ações do sujeito.

A presença persistente das lesões e da necessidade de coçar pode produzir uma relação complexa do sujeito com o próprio corpo, na qual dor, vergonha, angústia e sensação de descontrole se articulam à manifestação cutânea. Para exemplificar a teoria, foi utilizado um caso apresentado no livro *Na Minha Pele* (Felitti; Lemos; Trevizan, 2021), o qual permitiu aproximar as formulações teóricas discutidas neste estudo de experiências concretas de pessoas que vivenciam a dermatite atópica. Entre os diversos casos retratados no livro, um dos que mais se destacam é o caso de Gabriela, que conviveu desde bebê com irritações, coceiras e chagas na pele e que diante das experiências de rejeição e dos comentários de colegas que a chamavam de “sarnenta”, passou a construir uma relação profundamente dolorosa com o próprio corpo, chegando a se considerar “alérgica a si mesma”. Notou-se que a manifestação dermatológica não aparece dissociada das experiências subjetivas e relacionais que atravessaram sua história, contribuindo para sentimentos de vergonha e para uma angústia intensa. O processo psicoterapêutico possibilitou que Gabriela pudesse se reconhecer como “uma pessoa além da pele” e posteriormente afirmar: “A gente fez as pazes depois que eu me convenci de que não era alérgica a mim mesma”.

Dessa forma, o relato apresentado ilustra a reflexão proposta neste estudo acerca da necessidade de uma escuta atenta e acolhedora diante da experiência da dermatite atópica. Se o ato de coçar pode assumir uma dimensão repetitiva e ultrapassar o controle voluntário, compreendê-lo exclusivamente como um comportamento que deve ser interrompido pode desconsiderar o sofrimento que o sustenta e acompanha. Segundo Lacan (2003), o analista deve oferecer uma escuta em que possa se fazer chover significantes, essa escuta não deve ser uma substituta do acompanhamento dermatológico, mas uma possibilidade de acolher aquilo que a intervenção exclusivamente biológica não alcança, a maneira singular como cada sujeito vivencia sua doença, seu corpo e sua própria pele. O relato de Gabriela, evidenciou que a palavra pode constituir uma via alternativa de elaboração do sofrimento, permitindo que aquilo que inicialmente se expressava de forma predominantemente corporal encontre outras possibilidades de inscrição e significação.

Conclusão

Diante do caráter multifatorial da Dermatite Atópica, revela-se insuficiente depositar toda a esperança de tratamento em uma via exclusivamente biológica e medicamentosa. O uso indiscriminado de pomadas de corticoide e medicamentos oferece apenas alívios temporários, além de gerar frustração e desmotivar o paciente em relação ao próprio tratamento. O indivíduo com esta dermatite precisa desenvolver formas de tornar a convivência com a doença mais suportável, considerando seu caráter crônico e a ausência de cura definitiva.

A direção do tratamento exige uma abordagem integrada e multiprofissional, em que a intervenção médica se some ao cuidado psíquico pela via da fala. A escuta psicanalítica oferece um campo em que o sujeito pode falar, escutar-se e apropriar-se de seu próprio discurso. A palavra funciona como um mediador, servindo como uma função que retira o sujeito de uma posição narcísica fechada em si mesmo, saindo da pulsão de morte e direcionando sua libido para fora, permitindo elaborações de seu sofrimento psíquico.

Desse modo, aquilo que permanecia restrito ao corpo pode encontrar um espaço de expressão pela fala. Essa escuta não se reduz a ouvir apenas o que é dito, mas implica acolher o sofrimento em sua singularidade, sem reduzi-lo à manifestação física da doença. Assim, a análise possibilita que a tentativa de expressão da angústia por via tátil encontre outras formas de elaboração, por meio da palavra e da construção de novos sentidos para a experiência do adoecimento. Essa mediação pode contribuir para que o sujeito se reposicione diante de seu sofrimento e possa reinventar suas possibilidades de existência, estabelecendo uma relação menos marcada pelo conflito com o próprio corpo e como consequência, fazer as pazes com a própria pele.

Referências

AMARAL, C. S. F. do; MARCH, M. de F. B. P.; SANT'ANNA, C. C. Quality of life in children and teenagers with atopic dermatitis. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 87, n. 5, p. 718, set. 2012.

AZEVEDO, Monia Karine; MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 67-75, abr. 2015.

DUNKER, Christian; RAMIREZ, Heloísa Helena Aragão; ASSADI, Tatiana Carvalho (org.). **A pele como litoral**: fenômeno psicossomático e psicanálise. São Paulo: Annablume, 2011.

FELITTI, Chico. **Na minha pele**: histórias de quem vive com dermatite atópica. Com Mirela Santos e Beatriz Trevizan. São Paulo: Sanofi-Medley Farmacêutica, 2021.

FONSECA, Maria Carolina Bellico. Do trauma ao fenômeno psicossomático (FPS): lidar com o sem-sentido? **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 229-244, jul./dez. 2007.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18. (Originalmente publicado em 1920).

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. 2. ed. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 2. (Originalmente publicado em 1893).

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12. (Originalmente publicado em 1914).

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7. (Originalmente publicado em 1905).

LACAN, Jacques. Lituraterra. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-25.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 242, maio/ago. 2006.

MIYAZAKI, Carolina Mastelini Amorim; KASTER, Rebeca Almeida; MARONEZZI, Thamires Sabel. O fenômeno psicossomático (FPS) e sua implicação na prática clínica: a concepção lacaniana na diferenciação entre sintoma e FPS. In: CONGRESSO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UEL, 1., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. p. 188-192.